

SANTOS, Fernanda. **Corpos em Diáspora**. Campinas: Unicamp. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA; Unicamp; Marília Vieira Soares. Dançarina.

RESUMO

O texto trata a nova subjetividade que é produzida a partir do tema da diáspora e o potencial de empoderamento que a condição pós-moderna da diáspora sugere que se confunde com a própria condição humana universal. O texto reflete sobre o seguinte desafio proposto aos artistas: o de imaginar uma relação com a terra de origem, ao traçar novas estratégias de pertencimento que utilize a arte como veículo catalizador desse acontecimento.

Palavras-chave: Diáspora. Subjetividade. Estética Diaspórica.

ABSTRACT

This paper covers the new subjectivity that is produced from the Diaspora theme and the empowerment potential that the postmodern condition of diaspora suggests which means the actual universal human condition. The text reflects on the following challenge proposed to artists: that is to imagine a relationship with the land of origin as means to set new belongingness strategies using art as a catalyst vehicle for this event.

Key words: Diaspora. Subjectivity. Diasporic Aesthetics.

'Não será a própria arte uma espécie de visto de residência temporária entre mundos políticos, geográficos e temporais supostamente distintos?'(PEFTER, 2003)

A estética diaspórica é formulada a partir da ideia central de que 'o eu é confinado dentro do território do outro'. (PEFTER, 2003) A diáspora surge como inspiração para artistas que partilham suas subjetividades diaspóricas. Tal subjetividade pressupõe certas características, tais como: o estar sempre em trânsito; estar sem base, desenraizado; partilhar relações rizomáticas; ter a marginalidade como traço fundamental; ser estrangeiro; estar em parte alguma; e o eterno jogo entre o pertencimento e o não pertencimento.

A palavra 'diáspora' vem do antigo grego e significa dispersão, semear. Porém, há uma perda da riqueza do termo, ao ser utilizado exclusivamente como sinônimo de dispersão. O conceito de diáspora estava originalmente associado a ideias de migração e colonização e designava a dispersão dos povos judeus exilados da Palestina. (PEFTER, 2003)

Atualmente o termo diáspora é usado por comunidades diversas, como as comunidades africanas no Novo Mundo, Ocidente e América, que normalmente têm em comum a expulsão violenta de uma terra mãe. Porém, a condição pós-moderna da diáspora é sinônimo de empoderamento e união e vai de encontro à visão do autor Benedict Anderson que sugere que as nações não são entidades políticas soberanas, mas comunidades imaginadas. (HALL, 2003)

O traço em comum nessas comunidades é o esforço coletivo de pertencimento à cultura de origem, aliado a um sentimento de marginalização na nova pátria. Ainda assim, o regresso dessas comunidades deslocadas no sentido literal pode não ser desejável já que, se faz necessário transgredir não só as culturas que haviam deixado, como também suas experiências de exílio. (PEFTER, 2003)

Uma situação paradoxal é criada na diáspora já que, ao nos deixarmos perder na nova pátria, nunca mais poderemos realmente retornar como os mesmos de antes. Durante toda a Era Moderna, o tema da perda da casa era vista como tragédia. (PEFTER, 2003) Mas desde que o tipo de Estado Nacional, como se formou nos séculos XVI e XVII, começou a desaparecer com a globalização, a ideia de nação começou a se modificar e ampliar seu significado como fronteira imaginária.

A arte hoje tem sugerido que a perda da casa pode não só ser desejável, como se configurar como pungente necessidade. Ao representar uma continuidade dos contextos dos diferentes povos como os negros, judeus, indianos, islâmicos e palestinos, a arte tem o potencial de atualizar o tema da diáspora, num 'processo pelo qual as margens anteriores se dobram para o centro.' (PEFTER, 2003) Numa espécie de movimento paradoxal, também a raiz se abre num movimento de explosão em que o antigo núcleo se contamina pelas margens.

Pfter cita o autor Alain Locke para afirmar que "A arte tem o potencial de atuar como 'uma espécie de ação criativa de um acesso a uma maior autoconsciência' (...) A arte tinha de compor os valores complexos de um povo marginalizado operando no interior da corrente dominante."(PEFTER, 2003) Nesse sentido, o fenômeno social da diáspora e a experiência da marginalização são metáforas universais da configuração das subjetividades, principalmente na crescente interseção das culturas do mundo de hoje.

O sentimento do migrante de ser desenraizado, de viver entre mundos, entre um passado perdido e um presente não integrado, é talvez a metáfora que melhor se adapta a esta condição (pós) moderna. (PEFTER, 2003) Ao nos colocarmos em situações de diáspora, descobre-se que, para além da linha que nos une a uma linhagem de sangue, a qual acreditávamos pertencer exclusivamente, nos tornamos pertencidos a outras culturas; ao mesmo tempo que renovamos nossa conexão à terra mãe. Esses fios invisíveis de uma ancestralidade voluntária, que vão sendo revelados ao longo de nossas trajetórias têm pontos chaves de transição e culminação. E é justamente na invisibilidade que habita nossa ancestralidade, ao esconder-se num mistério de vidas passadas e na impossibilidade de localização exata desses fios que está a sua potência.

Se quisermos estender a diáspora até os seus limites teóricos, a condição pode ser lida inclusive como testemunho visível da própria condição humana universal. Dessa perspectiva, o fenômeno social da diáspora, e a experiência da marginalidade, são metáforas universais da configuração psicológica do indivíduo, especialmente na crescentemente dramática intersecção das culturas do mundo de hoje. Esta abordagem baseia-se numa adaptação aos estudos pós-colônias de conceitos psicanalíticos lacanianos acerca da natureza dividida da subjectividade

humana, que é perpetuamente perdida numa viagem de autodescoberta e de auto-invenção.(PEFTER, 2003)

São esses pontos de transição, em que não se está em nenhum dos lados de forma absoluta mas nas linhas de fuga, que apresentam possibilidades de mutação. Situações de abismo e transformação, em que ao mesmo tempo em que se está no aqui e agora, não se está em parte alguma; numa contiguidade da relação espaço-temporal da matéria e de dimensões que sugerem outros regimes de espaço e tempo.

A diáspora sintetiza o momento vivido pelo país desde a crise política que culminou com o *impeachment* da presidente. Nesse sentido, a diáspora é não só desejável, como necessária para catalizar mudanças de reformas políticas e sociais no Brasil que apresenta uma das maiores desigualdades sociais do mundo. Em nosso país, cuja mistura de raças e multiplicidade étnica é uma de suas maiores marcas, é impossível não estranhar a crescente xenofobia com que haitianos, índios e outros imigrantes vindos da América Latina, para citar alguns, sofrem por parte dos brasileiros.

A identidade racial e as formas brasileiras de racismo estão no centro do debate político-cultural; nos discursos dos meios de comunicação e nos produtos culturais de massa, nos pronunciamentos oficiais e nas universidades. Nosso país é um país em diáspora por natureza, já que em situações de diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Vivemos numa era da dita pós-soberania, em que os assuntos domésticos de cada nação sofrem interferências de outros países numa política externa que segue as prerrogativas do capital transnacional. (BANDEIRA, 2014) Em nome de uma suposta defesa dos valores universais, atos arbitrários e intervencionistas de países ricos em países em desenvolvimento são legitimados em nome da liberdade de circulação de capitais e mercadorias.

Essas ações se desdobram de maneira direta a partir de intervenções militares em países em guerra ou indireta, como acontece atualmente no Brasil, através do fomento dos Estados Unidos ao golpe, como ficou provado pelas constantes espionagens de informações dos brasileiros pela CIA, como tantos ativistas têm denunciado como Julian Assange e Edward Snowden e que têm prisão decretada em território norte-americano. Sabemos sobre a relação intrínseca entre os interesses norte-americanos no pré-sal brasileiro e da manipulação midiática e fomento ao golpe por parte desse país. Ao mesmo tempo, entendemos que na contemporaneidade, a noção de nação vai além dos limites geográficos. Porém, não podemos ignorar a imposição do capital como único motor da política externa internacional praticada atualmente.

Com a diáspora no país, estamos divididos entre aqueles que acreditam que se trata apenas de um conflito de interesse de partidos, e os que compreendem que nossa jovem democracia retrocedeu 40 desde posse do vice que assumiu a presidência e promoveu o atual golpe. Sabemos que por trás da crença de estarmos num regime democrático, está o mito de que as democracias são inerentemente pacíficas, enquanto as autocracias tendem para a violência e o terrorismo, que é justamente o que estamos experimentando com o golpe no Brasil.

A classe artística tem que investir politicamente através da arte, que é sua principal arma e instrumento de expressão, para além das manifestações nas ruas, no engajamento de uma guerrilha poética. Não podemos nos calar. Nesse momento sem precedentes de escassez na cultura, a guerrilha poética é uma das únicas vias de transgressão através da arte que possibilita permanência dos artistas no país. E se ficarmos, de que mais poderíamos tratar, que não o exílio em nossa própria terra?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MERCER, Kobena. Eros e Diáspora. Tradução [de] Marina Santos. Artafrica, Lisboa, 10 Jul. 2008. Disponível em: http://www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo_i.php?id=15 . Acesso em: 3 Fev.2016.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

PEFTER, John. A diáspora como objeto. In: FARRELL, Laurie Ann (ed.), *Looking Both Ways. Art of the Contemporary African Diaspora*, Nova Iorque, Museum for African Art, 2003.